

RICARDO AZEVEDO

Araújo & Ophélia

ILUSTRAÇÕES: RICARDO AZEVEDO

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

III Moderna
Contigo criamos leitores

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

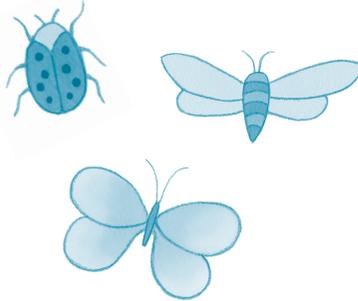
LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



Araújo & Ophélia

RICARDO AZEVEDO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Faap e doutor em Letras, na área de Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo. Casado, pai de três filhos, gosta de ler, ouvir música e conversar com os amigos.

Começou a produzir livros infantis em 1980, com *O peixe que podia cantar*, e até o ano de 2005 já publicou mais de cem títulos. Destaca-se em seu trabalho a pesquisa em literatura popular, que resultou em publicações como *Meu livro do folclore*, além de sua saborosa produção poética para crianças, como *Dezenove poemas desengonçados*.

A respeito da literatura diz: *Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades, a busca do autoconhecimento, coisas banais que fazem parte do dia-a-dia de todas as pessoas. Para mim, a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo.*



RESENHA

Quando Araújo, um simpático velhinho de quase oitenta anos de idade, descobre que as árvores de uma praça quase abandonada de sua cidade vão ser derrubadas para dar lugar a um moderno *shopping center*, fica inconformado. Imediatamente, corre até a praça para ver se a mangueira, sua árvore preferida, ainda está de pé. Por sorte, ela ainda está lá, como ainda está lá o pequeno coração que ele havia gravado no tronco da árvore anos antes, com os dizeres: “Araújo ama Ophélia”.

Araújo decide, então, ir atrás de Ophélia, sua primeira namorada, que ele não via há quase sessenta anos. Depois de conversar com ela e relembrar o passado, Araújo lhe fala do perigo que ameaça a bela árvore, que tanto significado tinha para eles. Decididos a fazer algo, os dois se dirigem à polícia, buscam o auxílio da prefeitura, mandam cartas indignadas aos jornais, porém, ninguém se decide a colaborar. Como desistir está fora de questão, os dois recorrem, então, a uma última saída: sobem na mangueira e se negam, terminantemente, a descer até que lhes garantam que não apenas a mangueira, mas todas as árvores da praça, continuarão de pé.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

A delicada narrativa de Ricardo Azevedo conta a história de uma pequena revolução, não menos significativa e importante por seu caráter singelo. Uma revolução iniciada por dois personagens que, em nossa visão muitas vezes estereotipada e rígida, tenderíamos a imaginar serem os últimos a ter força suficiente para iniciar o movimento necessário para qualquer mudança se processar: um casal de idosos. A idade, nos diz o autor, não é um bom critério para dividir as pessoas: *Conheço velhos tão cheios de energia que parecem e agem como jovens. Vejo também, por aí, jovens tão sisudos, desanimados e complicados que parecem até gente velha.*

Araújo e Ophélia são um bom exemplo desses velhos-jovens: em sua determinação inquebrantável, conseguem fazer com que os moradores da cidade se dêem conta das coisas preciosas que estão prestes a perder em nome do crescimento da cidade, do progresso. Numa passagem emblemática do livro, o engenheiro responsável pela demolição afirma desdenhosamente que as árvores não possuem utilidade nenhuma — enquanto um *shopping* gera empregos, lucros, crescimento. O casal de velhinhos, porém,

nos faz lembrar que algumas das coisas mais significativas e valiosas que encontramos em nossas vidas não podem ser medidas por sua utilidade. Qual a utilidade de um coração gravado num tronco para uma namorada?

Mais do que o problema da ecologia e do meio ambiente, que certamente se apresenta de modo central no livro, talvez a questão mais pungente que o texto apresente seja a da necessidade de preservar as pequenas e singelas coisas que preenchem nossas vidas de sentido, mesmo em meio ao mundo caótico e muitas vezes frio da cidade grande.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências, Geografia

Temas transversais: Meio ambiente

Público-alvo: Leitor fluente



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Peça a seus alunos que observem a capa do livro e estimule-os a imaginar, a partir dela, de que trata a narrativa. Provavelmente, eles perceberão que o Araújo e a Ophélia do título são os dois velhinhos que aparecem na ilustração. Como imaginam que seja a relação entre os dois?

2. Ainda levando em consideração a capa, desafie-os a tentar adivinhar qual seria o cenário em que a história se passa. Os animais e o verde no primeiro plano podem levar a crer que se trata de uma paisagem campestre, mas os dois prédios meio escondidos ao fundo podem fazê-los mudar de idéia.

3. No final do texto da quarta capa, o autor deixa claro que os dois velhinhos decidem tomar uma atitude firme para impedir que a mangueira seja cortada, “nem que seja na marra”. Estimule seus alunos a imaginar o que fariam, no lugar dos velhinhos, para impedir a derrubada da mangueira.

Durante a leitura:

1. Estimule-os a verificar quais de suas hipóteses confirmam-se com a leitura do livro e quais não.

2. Peça a eles que procurem perceber a relação entre as ilustrações presentes no livro e os acontecimentos narrados.

Depois da leitura:

1. A derrubada de árvores e a destruição do meio ambiente em nome do lucro não ocorrem apenas no plano da ficção: de fato, o desmatamento é uma questão cada vez mais discutida e vista

como um problema, à medida que as questões ambientais ganham relevância. No Brasil, essa questão é discutida especialmente no que diz respeito a duas grandes áreas florestais que já foram amplamente devastadas: a Amazônia, considerada o “pulmão do mundo”, ainda ameaçada pela ação predatória das madeireiras, e a Mata Atlântica, da qual hoje resta apenas uma pequena porcentagem da vegetação original. Proponha a seus alunos que se dividam em grupos e realizem uma pesquisa sobre uma dessas duas florestas, investigando as características próprias de sua vegetação, as causas de seu desmatamento e, principalmente, as atitudes que têm sido tomadas em prol da sua preservação.

2. Numa pequena nota situada na lateral da página 24, o autor deixa claro que a ilustração da página 25 é baseada no quadro *Operários*, de Tarsila do Amaral, uma das obras mais emblemáticas da pintura modernista brasileira. Seria interessante trazer para os alunos uma reprodução do quadro original de Tarsila para depois compará-la à ilustração de Ricardo Azevedo. Em primeiro lugar, deixe que seus alunos discorram livremente sobre o quadro de Tarsila para, em seguida, analisá-lo mais pontualmente, procurando ao máximo relacionar sua análise às colocações feitas por eles. Chame a atenção para os dois planos do quadro – os rostos no primeiro plano e a fábrica ao fundo. Veja se eles percebem que os rostos, embora muito diferentes uns dos outros, de diferentes idades, raças e classes sociais, não são retratados de forma individual, isolada, mas se sobrepõem uns aos outros, compondo a imagem de um grupo único e quase indiferenciado a despeito de suas diferenças físicas. A denúncia social aparece de modo claro: a fábrica ao fundo, imponente, é o que torna os rostos indiferenciados; porém, o conjunto de todos os rostos, ainda assim, possui mais força do que a imagem da indústria. A seguir, retorne à ilustração do livro: quais as semelhanças e diferenças entre as duas imagens? Provavelmente, eles notarão que, entre o plano da fábrica e o plano dos rostos, existe uma imagem que não aparece no quadro de Tarsila: uma grande e colorida árvore. Perto das cores da árvore, as cores da fábrica parecem fracas e apagadas. Embora se coloque atrás deles, a imagem da árvore, por seu colorido, parece muito mais próxima dos rostos do que a imagem da fábrica.

3. Hoje em dia, vivendo nas cidades grandes, muitas vezes, pouco nos relacionamos com as plantas ao nosso redor. Há algum tempo, era comum saber o nome das árvores e flores e saber diferenciar entre seus muitos tipos – atualmente apenas poucas pessoas, geralmente mais idosas ou que viveram um período de sua vida no campo, sabem o nome de uma árvore. Talvez fosse interessante aproveitar essa oportunidade e fazer um pequeno

levantamento das árvores presentes nas proximidades da escola, procurando saber seus nomes e há quanto tempo elas se encontram ali. Qual a diferença entre uma mangueira, um ipê e um salgueiro, por exemplo? Será que seus alunos conhecem o nome das árvores?

4. Leia com seus alunos o texto escrito por Ricardo Azevedo na seção “Autor e obra”, na página 30, na qual ele questiona a divisão das pessoas em faixas etárias, mas afirma a divisão entre classes sociais como algo muito mais sério e evidente. Discuta essa questão com seus alunos: Qual a opinião deles sobre o assunto?

5. Ainda na seção “Autor e obra”, Ricardo Azevedo afirma que conhece velhos tão cheios de vida que parecem jovens, assim como jovens tão sérios e sisudos que parecem velhos. Proponha que, pensando nessa afirmação, escrevam um pequeno texto narrativo cujo personagem principal se inspire em alguém que eles conheçam – seja um velho que parece jovem, seja um jovem que parece velho. Sugira que eles se inspirem em fatos reais, mas deixe que sua imaginação os distorça à vontade. O importante é que as ações do personagem na história deixem claro por que se pode dizer que essa pessoa é um velho-jovem ou um jovem-velho.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *Chega de saudade* — São Paulo, Moderna (Um outro livro maravilhoso que Ricardo Azevedo produziu a partir de *Araújo & Ophélia*.)
- *Contos de enganar a morte* — São Paulo, Ática
- *Contos de encanto e alumbramento* — São Paulo, Scipione
- *Contos dos bichos do mato* — São Paulo, Ática

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *O livro das árvores dos índios Ticuna* — Organização de Jusara Gomes Gruber, São Paulo, Global
- *Árvores — um retrato da natureza muito viva* — Silvana Menezes, São Paulo, Cortez
- *Outono do Álamo* — Kazumi Yumoto, São Paulo, Martins Fontes
- *Os amigos* — Kazumi Yumoto, São Paulo, Martins Fontes